Um Pilé à vida | Vitoria Arantes Ferreira

Sai da consulta e ia comer um pão com queijo e ovo. Fui andando, fantasiando com a minha melhora, com os efeitos da medicação, comigo mesma. Não senti a minha caminhada nem o caminho que fiz. Quando vi, estava lá. Desci as escadas e andei pelo corredor. Entrei na recepção e lá estava a foto, a foto gigantesca da bailarina, a primeira bailarina de 2006, Ana Botafogo.

A sala de ballet permanecia intocável, como se o tempo não tivesse passado e o retrato permanecia ali, imóvel. Ela estava fazendo um passet lindo, perfeito. Essa foto foi usada como uma metáfora em uma das muitas aulas de ballet pelas quais eu passei na infância. Uma professora nos apontou a foto a fim de nos ensinar sobre esforço. Na metáfora, a professora falava que a Ana Botafogo estava fazendo um esforço tremendo, sofrendo, mas carregava consigo um sorriso leve, quase como se estivesse passeando, como se nada estivesse acontecendo. Ao nos ensinar sobre isso, a professora, mesmo que sem intenção, me ajudou a construir a ideia de uma postura, de uma forma de enxergar a vida. Ela nos dizia que era assim que deveríamos fazer no ballet, esticar a perna, bumbum pra dentro ,postura, braços leves. Era essa a postura que eu conheci e vivenciei dançando ballet, a metáfora ficou.

Eu deveria fingir, eu deveria sorrir, mesmo se estivesse doendo, eu deveria estar sempre sorrindo e enganando a platéia. No ballet existe um jogo de sedução importante, nos doamos inteiramente pelo público, é ele

o nosso grande objetivo e para alcançar esse objetivo deveríamos suprimir aquilo que é inerente a nós: a dor.

Olhei pro retrato da Ana Botafogo e lembrei da metáfora, por um momento meu coração bateu forte, era como se eu fosse uma menininha novamente, eu queria ver algo de diferente naquele lugar, me angustiou saber que eu me recordava perfeitamente bem da imagem, que aquela imagem não era uma daquelas imagens que se tem uma lembrança vaga. Na verdade, eu me lembrava perfeitamente bem da foto, de todos os detalhes, me angustiou por uns minutos, foi ruim.

Até que encontrei uma coisa. Uma única coisa e foi isso o que fez a foto se tornar outra para mim. A Ana Botafogo era muito mais jovem que eu presumia aos 8 anos. A lembrança da foto que ficou para mim foi a de um contorno de mulher adulta. Era um contorno, quadris, com os pés flexionados. Ela era de fato incrível , mas eu não tinha me dado conta do quanto ela era jovem, ela era uma menina que estava tentando viver e aprender, os dentes meio tortos, infantis ainda.

Engraçado que eu reparei no sorriso da bailarina, dessa vez, em vez da força ou da flexão das pernas, como era pedido pela professora. Curiosamente, mesmo eu tendo ouvido que na verdade estava doendo muito e que a Ana Botafogo estava nos enganando com um sorriso forçado. Dessa vez, quando eu me encontrei de frente com aquele retrato, eu me dei conta de que o ponto de vista da professora era o dela e não o meu. Por isso, quando olhei para aquele retrato eu achei o sorriso da Ana Botafogo muito sincero. Ela estava feliz em estar ali, dançando, ouvindo aquela música clássica enfadonha, ela estava realizando um sonho. Achei

importante voltar àquela sala de ballet, voltar àquele retrato e àquela metáfora que me assombraram por anos, porque agora, com 25 anos, eu vejo que no sorriso da primeira bailarina havia desejo.